



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 23/09/2021 | Aprovação: 13/02/2022

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/10596>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v16i27.10596>



Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 16 | N. 27 | Dez, 2022, pp. 247-261.



RESISTÊNCIAS CLANDESTINAS CLANDESTINE RESISTANCES

Luana dos Santos RIBEIRO

Universidade Federal de Pará (UFPA)¹

Augusto SARMENTO-PANTOJA

Universidade Federal de Pará (UFPA)²

Resumo: O atual artigo propõe uma análise comparativa entre o conto *Felicidade Clandestina* (1971), de Clarice Lispector e *A meia hora do sol* (1970), de Urbano Rodrigues. Tomando como base o conceito de resistência desenvolvida, por Alfredo Bosi, em *Narrativa e Resistência* (1996) e reflexões sobre violência, propostas por Walter Benjamin, no ensaio *Crítica da Violência – Crítica do Poder* (1921). No conto de Clarice, a autora nos coloca frente a dilemas do cotidiano, permitindo que tenhamos fácil identificação com a protagonista e seus anseios de leitora. Ansiosa para conquistar o seu objeto de desejo, ela é tolhida e humilhada pelo cruel jogo de poder de sua antagonista. Já no conto de Urbano, o autor nos apresenta Mateus e Julia, casal que enfrenta a separação, imposta pelo autoritarismo e perseguição da ditadura portuguesa. Identificamos assim, os elementos que denotam a resistência e violência não só como ações presentes em conflitos armados e bélicos.

Palavras-chave: Resistência. *Felicidade Clandestina*. Clarice Lispector. *A meia hora do sol*. Urbano Rodrigues.

Abstract: *The current article proposes a comparative analysis between the short story Felicidade Clandestina (1971), by Clarice Lispector and A meia hora do sol (1970), by Urbano Rodrigues. Based on the concept of resistance developed by Alfredo Bosi in Narrative and Resistance (1996) and reflections on violence, proposed by Walter Benjamin, in the essay Critique of Violence – Criticism of Power (1921). In Clarice's short story, the author confronts us with everyday dilemmas, allowing us to easily identify with the protagonist and her reader's yearnings. Eager to conquer the object of her desire, she is held back and humiliated by her antagonist's cruel power play. In Urbano's short story, the author introduces us to Mateus and Julia, a couple facing the separation imposed by authoritarianism and persecution by the Portuguese dictatorship. Thus, we identified the elements that denote resistance and violence not only as actions present in armed and war conflicts.*

Keywords: Resistance. *Felicidade Clandestina*. Clarice Lispector. *A meia hora do sol*. Urbano Rodrigues.

¹ Graduanda em Letras, Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista de Iniciação Científica UFPA. E-mail: luana.ribeiro@ilc.ufpa.br

²Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP), com Pós- Doutorado no Centro de Estudos Comparatistas (ULISBOA). Docente de Literatura, na Faculdade de Letras (FALE) e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL). E-mail: augustos@ufpa.br

A FELICIDADE COMO RESISTÊNCIA

*Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena*
Ferreira Gullar

No poema de Gullar, há a defesa da ideia de que embora a vida seja repleta de dificuldades, ela vale a pena. Mas por quê? Já que o pão é caro e a liberdade é pequena! “Podemos dizer que existe no homem uma potência de resistência” (SARMENTO-PANTOJA, 2015, p. 141). Essa potência é que fará com que enfrentemos os problemas da vida e desfrutemos do seu valor.

Para cada indivíduo existe algo no mundo que o ajuda a impulsionar suas ações, que o incentiva a persistir frente aos obstáculos e, portanto, que lhe traz ânimo e até felicidade. Na literatura, esse impulso pode ser dado por um objeto, um animal, uma pessoa, uma profissão, um estilo de vida, etc., que age como uma força capaz de fazer o narrador, ou o personagem resistir e enfrentar os mais diversos desafios, para então se realizarem.

Nesse viés, propomos que até mesmo a felicidade pode ser usada como estratégia para resistir à uma violência que se impõe. Pois acreditamos que “a resistência deve ser compreendida em suas múltiplas faces, pois na maioria dos casos ela está onde não se veem atos heroicos ou revolucionários” (SARMENTO-PANTOJA, 2015, p. 142).

O valor da vida também pode ser entendido como a descoberta de objetos impulsionadores, capazes de fomentar a superação, a insistência e persistência em sua experiência de vida. Nos contos analisados, embora não haja aquele tradicional embate militante versus militares, comumente presente quando analisamos obras relacionadas ao conceito de resistência, apresentam questões que possuem contextos resistentes pois, como observado nos personagens: a “menina loura”, de Clarice e Mateus, de Urbano, tem dentro de si uma ação iminente que é o insistir em seus objetivos, fato que está em consonância com a ideia de resistência porque “o cognato próximo -de resistir- é insistir” (BOSI, 1996, p. 11).

À luz do supracitado, esse artigo intenta analisar formas de resistências silenciosas, muitas vezes até clandestinas, por meio do eixo temático felicidade; assim como, a presença de configurações das violências simbólicas presentes nos contos *Felicidade Clandestina* (1971), de Clarice Lispector e *A meia hora do sol* (1970), de Urbano Rodrigues. Para tal, iremos nos apoiar no que foi desenvolvido por Alfredo Bosi, em *Narrativa e Resistência* (1996) e Walter Benjamin, em *Crítica da Violência – Crítica do Poder* (1921).

De acordo com explicitado, vamos ver o que Alfredo Bosi pensa a respeito da presença da resistência nos textos literários:

Deve-se aprofundar o campo de visão. E detectar em certas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema. (BOSI, 1996, p. 22)

Ou seja, de acordo com o crítico, a escrita resistente que possui resistência enquanto tema pode se dar nas narrativas cujo tema é a política, mas também, a resistência acontece frente a uma situação de tensão entre quem possui um poder e quem sofre a influência desse poder, por isso:

A escrita resistente (aquela opção que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se põe em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes. (BOSI, 1996, p. 22)

Nesse sentido, é possível dizer que toda literatura pode ser resistente, pois as relações humanas se baseiam nessas dicotomias éticas, entre o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, o lícito e o ilícito. Em *Felicidade Clandestina* (1971), a protagonista, “menina loura”, enfrentou sua antagonista, a “menina ruiva”, persistindo no alcance do seu objeto de felicidade mesmo diante do simbólico jogo de subjugação. Diferentemente do conto de Clarice, Urbano, em *A meia hora do sol* (1970), apresenta Mateus enfrentando não um antagonista, mas o seu próprio desejo por Julia, portanto, há um embate do personagem consigo mesmo.

Não são construções de persona ao acaso, assim como Clarice criou suas personagens gerando identificação pela saga em busca da realização de seus anseios e revolta pelo cercear cruel e mesquinho. Urbano também escreveu sobre uma história de amor, para que tivéssemos empatia por aquela felicidade que dentro do contexto da ditadura portuguesa, era algo tão clandestino, haja vista que tinham consciência de que mais cedo ou mais tarde Mateus seria capturado por se opor ao Governo. Nesse sentido, o conto de Urbano aproxima-se do conceito de resistência temática, enquanto o de Clarice ao de resistência imanente.

Entretanto, Alfredo também argumenta que é perigoso para a qualidade literária a exigência de que os autores só escrevam obras que tematizem a resistência, uma vez que:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições. (BOSI, 1996, p. 26)

Posto que a resistência é um processo natural, ela vai surgir na literatura de modo natural, sem que haja necessariamente uma imersão dentro de propagandas militantes, justo porque já vimos que resistir é inerente ao ser humano, e como a literatura é feita por pessoas, não poderia se diferir tanto de nossa natureza.

Outro tema que pretendemos debater é a presença da violência nas relações de resistência. Para isso, vamos discutir o que conjectura Walter Benjamin a respeito da violência:

A tarefa de uma crítica da violência pode ser definida como a apresentação de suas relações com o direito e a justiça. Pois, qualquer que seja o efeito de uma determinada causa, ela só se transforma em violência, no sentido forte da palavra, quando interfere em relações éticas. (BENJAMIN, 1921, p. 160)

A partir do trecho acima podemos perceber que segundo o filósofo, a violência é uma ação de poder presente tanto em relações de direito, quanto de justiça. Esse pensador defende que poder e violência são conceitos que muitas vezes se confundem, uma vez que o poder é a violência que temos sobre o outro e vice-versa. Nesse sentido, a violência e o poder poderão ser observados em diversas experiências cotidianas como as encontradas nos sentidos mais amplos apresentados nas mais simples relações éticas, como as infantis de *Felicidade Clandestina*, onde o poder da “menina ruiva”, que é o acesso aos livros, é também uma violência contra a “menina loura”, que pela falta de acesso fica a mercê da outra, como veremos mais a frente.

Além disso, a violência empregada pelo Estado se torna diferente, na medida em que:

A violência, inicialmente, só pode ser procurada na esfera dos meios, não na dos fins... Mas ficaria em aberto a pergunta, se a violência em si, como princípio, é moral, mesmo como meio para fins justos. Para decidir a questão, é preciso ser mais exato, uma distinção na esfera dos próprios meios, sem levar em consideração os fins a que servem. (BENJAMIN, p. 160)

Tanto no poder estatal quanto no poder das relações pessoais, a violência (uma forma de poder, segundo Benjamin) é um meio para a obtenção de um fim e não apenas um fim em si mesmo. A violência do Estado pode ser observada por vários primas, como na animação intitulada *Mulan*, lançado pela primeira vez em 1998 pela Walt Disney que, segundo o artigo *A representatividade da mulher na animação Mulan*, de Caroline Augustmak, Fabiane Schoemberger e Renata Caleffi; inspirou-se na lenda chinesa “Fa Mulan”. Neste filme, há a reflexão sobre a violência contra mulher por parte do Estado Chinês ao retratar a história de uma mulher comum que finge ser um homem para conseguir lutar na guerra como soldado no lugar de seu pai. Patriarcal como qualquer sociedade dominada por homens, a China da época tinha os papéis sociais bem definidos em gênero.

Nesse momento, já se apresenta uma das primeiras características da violência do Estado chinês, uma vez que se o pai da protagonista se recusasse a servir, ele seria preso e morto por traição. Por isso, era indiscutível que assim o fosse, haja vista que não havia outro homem na família, o militar encarregado de alistar os civis do sexo masculino ignorou a idade avançada do pai de Mulan. Ela e sua mãe sabiam que seu pai não resistira, mas que poderiam fazer frente a máquina estatal? “Nem sempre conseguimos nadar contra corrente” (SARMENTO-PANTOJA, 2015, p. 141).

Mas a protagonista, em uma atitude totalmente inesperada para uma mulher da época, resistiu com vigor ao autoritarismo político de seu país. Mulan não temeu. Mulan não temeu nem mesmo a retaliação do Estado ao descobrir sua façanha para poupar seu pai, que poderia facilmente se converter em execução dela. Sua força, como diria Alfredo Bosi, opôs força própria a todas as forças alheias. Por isso, essa mulher precisa ser lembrada como um signo de resistência.

Em *A meia hora do sol*, a intenção da violência autoritária do Governo imposta a Mateus é de contenção, ou seja, conter as revoltas dos opositores políticos, dessa forma continuarão a perpetuar o poder vigente, sem que haja uma troca impulsionada pelos insurgentes.

Já em *Felicidades Clandestinas*, a motivação da violência é a tomada de mais violência: a “menina ruiva”, segundo a própria “menina loura”, usava suas artimanhas de poder para provocar as outras por puro ódio, ódio fruto da inveja que sentia pela aparência das outras. Essa inveja da aparência tem relação com a violência que é o padrão de beleza imposto principalmente para as meninas. Então suas ações são pensadas como forma, não de maldade genuína, mas vingança motivada por se sentir inferior? Não podemos ir tão longe nessas suposições visto que a própria inveja é descrita pela protagonista e não pela própria garota, mas podemos afirmar sim que a intenção da “menina ruiva” era ser dona de um poder contra as outras meninas e usá-lo de modo que o mantivesse. Portanto, compreendemos que a violência, em ambos os casos, não foram o fim das ações, mas o meio. O fim seria a manutenção e a perpetuação do poder.

O RESISTIR CLANDESTINO

Retomando a reflexão acerca dos contos, tal como no exemplo exposto, podemos dizer que - nós, seres humanos- conseguimos encontrar forças mesmo diante dos cenários mais adversos. Assim como Mulan encontrou a sua no amor que tinha pelo seu pai, a protagonista de Clarice encontrou vigor na felicidade clandestina que nutria em si mesma. A “menina loura” criou uma atmosfera de idealizações e ilusões com o seu objeto de desejo -o livro, negado pela “menina ruiva”- que não lhe

restavam dúvidas sobre a possibilidade de sucumbir, ela jamais desistiria dos seus sonhos mesmo que isso lhe custasse, com o seu coração palpitando, a frustração, como a autora descreve a menina logo após que passa pelas primeiras decepções.

Com o intuito de ilustrar essa relação, vamos observar como se dá a apresentação de ambas as personagens do conto de Lispector: a protagonista é uma menina loira, retratada com adjetivos atrativos, indicada como bonita, esguia, alta, de cabelos tratados e com uma inclinação forte pelo gosto da leitura; já a “menina ruiva” é apontada como gorda, baixa, com a pele coberta por sardas e totalmente desdenhosa do privilégio de ter um pai dono de livraria. Enquanto a primeira parece doce e inocente, a segunda mostra-se maldosa e escarnekedora. Os estereótipos em questão são avessos ao que é comumente encontrado pois se tem a ideia de que quem está mais próximo ao padrão de beleza tem convívio social mais amplo e o gosto pela leitura geralmente é associado a quem está isolado de uma popularidade por se encontrar, justamente, fora desses mesmos padrões. O que Clarice propõe aqui é justamente quebrar esses paradigmas e modelos físicos e psicológicos previamente estabelecidos.

No decorrer do conto, o embate se dá justamente na tentativa de obtenção do livro. A persistência encontrada nas atitudes dessa menina loira em prol desse objetivo gerou, por fim, sua felicidade mais clandestina: a conquista do livro. Tal insistência pode ser notada na repetição das ações desse fragmento: “No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte.” (LISPECTOR, 1967, p. 9)

Não tinha ela intenções de tripudiar da outra, sua rival, queria deliciar-se como nunca, devagar, com calma, escondido, para cada vez mais instigar seus devaneios. Sua existência totalmente reduzida -ou expandida? - aquela simples felicidade silenciosa. Ali compreendeu, como diria Gullar, que a vida vale a pena.

Para Avanúzia Matias o cerne do conto está no questionamento sobre o sentido da felicidade pois:

No decorrer da história, a narradora de “Felicidade Clandestina” se utiliza de todas as estratégias possíveis para prolongar seu sentimento de felicidade representado pela posse do livro. A narradora, algumas vezes, chega a fingir esquecer que possui o livro, só para se redescobrir possuidora dele. É assim que sua felicidade aparece como um sentimento clandestino, uma vez que ela não pode se conscientizar de sua própria felicidade para que esse sentimento não se acabe. (MATIAS, 2016, pp. 252-253)

Em *A meia hora do sol*, também encontramos esse tipo de felicidade clandestina no amor de Mateus e Julia. Completamente apaixonados e na certeza de algum dia serem pegos pelo Governo, não tinham necessidade de gritar o seu amor, amavam-se intensamente de forma clandestina. Essa felicidade sigilosa também gerou resistência em ambos os personagens. Depois que Mateus foi preso, foi em memória dessa felicidade que o amor deles resistiu à prisão, mas também morreu na cadeia:

No isolamento da cela reinventava-a, lembrava dia a dia, minuto a minuto, os quatro anos percorridos lado a lado; lamentava o tempo que não lhe dava por esta ou por aquela razão; tinha-a, com toda a gama dos seus olhares, queixumes, suspiros, gritos e êxtases, em todos os alaridos raivosos da sua continência forçada. (RODRIGUES, 1984, p. 174)

E foi também em nome da felicidade que Mateus resistiu ao seu egoísmo e libertou Julia de si, libertando-se também dela, para não serem infelizes naquele amor fadado a tristezas, foi em busca de uma nova configuração de felicidade, não tão intensa, mas necessária ante a demasiada angústia daquelas circunstâncias.

FELICIDADE CLANDESTINA, DE CLARICE LISPECTOR

No que concerne a discussão iniciada no conto de Clarice, é possível notar que a “menina louca” não está alheia a opressão que sofre, uma vez que ela percebe depois de repetidas vezes experimentar a desilusão de as coisas não se concretizarem da forma como ela almejava. Entende-se então a ideia de tortura chinesa, elaborada com a intenção de produzir um desconforto e humilhação cadenciados à medida que a expectativa da protagonista vai sendo frustrada. Constante e insuportável, tal como a tortura o é, mas também engenhosa e paciente, características essas associadas comumente ao povo asiático, motivo pela qual lhe alcunha.

Não existia uma moeda de troca, a relação era esta, a protagonista estava à mercê da antagonista e por essa razão, por conta do acesso livre, a segunda conseguiu impor uma violência sutil, mas autoritária. Não havia possibilidade dos poderes (violências) se regularem e portando o que restava a “menina louca” era resistir ao poder da “menina ruiva”.

O comportamento da “menina ruiva”, depois de um tempo, já era previsível e inalterável, mas nem isso foi capaz de dissuadir a menina loira das suas intenções. Cansada e com olheiras, a menina manteve-se firme diante da violência que lhes era imposta:

Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo. E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido... Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas,

adivinhandando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra. Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. (LISPECTOR, 1967, p. 9)

Todavia, essas pequenas formas simbólicas de violência não podem ser desconsideradas, pois é mediante o poder de uma e a falta do poder da outra que essas questões se estabelecem. Walter Benjamin diz que, “na perspectiva da violência, a única a poder garantir o direito, não existe igualdade, mas, na melhor das hipóteses, existem poderes do mesmo tamanho” (BENJAMIN, 1921, p. 172).

E assim vai caminhando a trama até o dia em que a mãe da “menina ruiva” descobre a estratégia de subjugação feita por sua filha, e decide ajudar a “menina loura”, emprestando o livro por tempo indeterminado. Esse momento da trama é bem interessante porque finalmente entra um poder maior que “regula” o poder já estabelecido. A mãe, que tem maior poder (violência) impõe uma nova situação e mesmo que alguma das garotas não concordem, é algo que não poderão mudar. Nesse caso, notamos a quebra da manutenção do poder da “menina ruiva”, o que certamente não lhes trouxe agrado. Também encontramos em Walter Benjamin (1921, p. 160): “A violência é um produto da natureza, por assim dizer, uma matéria-prima utilizada sem problemas, a não ser que haja abuso da violência para fins injustos”.

Por essa razão, encontraremos a violência (o poder) em quaisquer relações. Não apenas entre as jovens, mas entre a mãe e a filha e outras de nosso cotidiano. Isso significa que nossas relações estão imersas em violência? Sim e não. Se pensarmos sobre a perspectiva corriqueira de violência como agressão, a resposta é não, ou não deveria ser. Mas se observamos pelo prisma das relações de poder, sim porque o poder está em todos os vínculos que estabelecemos com as pessoas.

Outrossim, o termo “tortura chinesa”, o qual pode ser entendido como uma referência direta a tortura, não pode ser deixada de lado uma vez que estamos falando de um período da história brasileira em que a sociedade sofria com um regime ditatorial, que sequestrava, torturava, matava e desaparecia com os corpos de diversos opositores do regime, mas também com intelectuais, artistas, trabalhadores do campo e da cidade. Ninguém estava livre da roda viva! Mesmo sabendo que Clarice escreve seus textos sem nenhuma forma de engajamento político, identificamos de forma sutil, que a matéria da tortura será proposta pela escritora de forma singular, pois estamos falando do universo infantil e as relações de poder que a envolve em outros domínios.

Subsequente a isso, a jovem, considerou que ter o livro por tempo indefinido seria melhor do que o possuir em definitivo, pois, desse modo ela continuaria a ver o livro como seu maior objeto de desejo. Vejamos como Lispector narra os efeitos da felicidade sentida de forma clandestina:

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar... Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo... Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. (LISPECTOR, 1967, p. 10)

A felicidade pensada no conto está forjada pelos signos da resistência, como mencionamos no início; é uma resistência particularizada, encontrada dentro dos próprios indivíduos. Isso não nos escapa pois na literatura tudo significa algo, diferente das nossas relações humanas que mesmo nossas ações significando ou não, podem ser esquecidas, ignoradas ou não vistas. Pensando nisso, Bosi analisa que:

A narrativa lírica, quando atinge certo grau de intensidade e profundidade, supera, a rotina da percepção cotidiana e liberta a voz de tudo quanto essa abafou ou apartou da conversa, até mesmo do diálogo entre amantes, amigos, pais e filhos... É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (1996, p. 27)

Retornando a análise, embora sua força, a protagonista do conto de Lispector viveu uma tortuosa experiência de idas e vindas, que também lhe levou a exaustão física e a humilhação. Portanto, nos perguntamos se aquela relação imposta pela “menina ruiva” sobre a “menina loura” também poderia ser compreendida dentro da chave resistência frente à situações dubiamente éticas pensada por Sarmiento-Pantoja, já que:

Quando entramos em contato com uma situação dúbia eticamente, vemos inicialmente no interior do indivíduo sua luta por uma tomada de decisão... Por isso, consideramos que ir contra a corrente pode ser também realizar pequenas revoluções. (2015, p. 141)

Por isso é possível considerar que as ações da “menina ruiva” foram dúbias, uma vez que sua satisfação era pautada no sofrimento alheio, condenável pelas formas de direito, pois segundo Benjamin, até o direito natural que é aquele que permite o mais amplo uso violência, exige fins justos. Daí é possível considerar a ação da “menina ruiva” como representativa de um autoritarismo, que

reverte nossa sociedade, usando seu privilégio de acesso a muitos livros como uma forma de poder, e lhes garantir o controle sobre a “menina loura”, impondo um cenário de poucas alternativas.

A MEIA HORA DO SOL, DE URBANO RODRIGUES

No conto de Urbano Rodrigues, conheceremos um casal, o Mateus e a Julia, eles são descritos no início do texto como dois amantes -mesmo já casados a 4 anos- completamente apaixonados um pelo outro e que vivem seu amor livre sob a perspectiva do clandestino:

E, como a vida de Mateus estava sempre ameaçada, muito dos instantes em que se uniam tinham para eles o gosto atormentado e exultante de primeira vez e de nunca mais. Mas eram alegres, iam jantar fora com frequência e até passavam fins de semana muito íntimos, quase clandestinos, em pequenos hotéis retirados, de atmosfera civilizada e sorridente, governados por estrangeiros. (RODRIGUES, 1984, p. 174)

Entre eles, qualquer justificativa para estarem juntos bastava, a mais boba desculpa para ficarem um na presença do outro pois sabiam a situação de Mateus, ele poderia ser levado a qualquer momento, portanto se escolhiam todo dia.

Já nesse momento observamos uma ação resistente pois eles não queriam e não se deixaram ceder ao medo, muito pelo contrário, usaram a arma da felicidade para não se abaterem com aquela situação furtiva e perigosa. Eles resignificaram o próprio contexto e o desejo que sentiam aflorar cada vez mais por conta da situação clandestina foi uma das estratégias de não se entregar a aflição. O protagonista se apegou a própria memória, buscando lembrar um tipo de felicidade que ele não conheceria mais. Que não viveria mais daquela forma e por saber disso, desespera-se. Entretanto, mesmo nesse momento Mateus não deixou de resistir, a memória foi convertida em escudo contra a vivência da sua atual realidade.

Então chegou o momento em que Mateus foi preso, e teve de se afastar de Júlia. Urbano descreve como foi esse primeiro impacto:

De noite, ele que briosamente velava, em face dos estranhos e de si próprio, pela sequidão dos seus olhos e pela nudez dos seus lábios, acordava debulhado em lágrimas, assistindo à agonia de ausência que ela, sozinha em casa, conheceria. (RODRIGUES, 1984, p. 174)

Já refém da violência do Estado e sob a guarda dos militares, visto que estava em prisão política, típica de regimes ditatoriais, em que Mateus é preso por não compactuar com as ideias

oficiais daquele poder. A violência cometida contra esse indivíduo tem como agente intermediário o militar, ele é quem apreende o civil que é considerado “perturbador” da ordem pública, ele é quem aplica as advertências cabíveis e é ele quem vai diferir violência física, psicológica, sexual e suas variações, caso seja necessário para dissuadir aquele que é considerado insurgente. Para Benjamin, essa “polícia”, na democracia, apresenta toda a sua degenerescência, por não ser regulada por um mesmo poder legislativo-executivo maior (RODRIGUES, 1984, p. 167). Pois em conformidade com ele, a partir do momento em que o Estado outorga um tipo de violência, ele deve lhes impor limite, mas na prática, isso é bastante subjetivo.

Vejamos como Alfredo Bosi avaliaria uma semelhante posição, a partir do que considera resistir: “O homem de ação... Que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro, pelejando para alterá-la, só o faz enquanto é movido por valores. Estes, por seu turno, repelem e combatem os anti-valores respectivos” (BOSI, 1996, p. 14). Assim sendo, Mateus pelejava por causa de seus valores, de seu amor a Julia e de seu apego a felicidade que construíram, ele ansiava uma alteração, mas não poderia fazê-lo. Subsequente a isso, o protagonista, perturbado pela falta da liberdade em ser quem era, começou a agir de modo que não era e acabou se tornando. Mateus que antes desejava as visitas e as cartas de Julia, agora dera de lhe tratar mal, de ter ciúmes irracionais e até lhe desprezar pois tinha consciência do fim daquela antiga intimidade entre os dois:

Mateus enchia três vezes por semana, com uma exacerbada angústia (mas era aquele o único alimento do seu silêncio) a curta folha de bloco regulamentar que podia mandar-lhe por carta. E Júlia respondia, até lhe escrevia todos ou quase todos os dias, mas não deixava no papel a mesma vibração: constrangia-a, mais do que a Mateus, que não tinha outra escapatória, a certeza de que as suas palavras mais suas e mais dele (que logo descoravam e se derretiam na linfa do banal) seriam lidas, porventura escarnejadas, por estranhos. (RODRIGUES, 1984, p. 175)

Esse poder que o Estado lhe impunha, que vai desde cercear sua liberdade por conta das suas crenças políticas até a violação dos seus sentimentos, da sua personalidade e do seu relacionamento com Julia, não teria como passar sem nada acarretar a vida do personagem. A violência sofrida, mesmo quando combatida com a resistência, não deixa de causar traumas. Walter Benjamin discorre sobre esse tipo de punição desproporcional só que por intermédio de outro exemplo, vejamos:

Em contextos jurídicos primitivos, a pena de morte é decretada também no caso de delitos contra a propriedade, em relação aos quais parece totalmente 'desproporcional'. Seu sentido não é punir a infração a lei, mas afirmar o novo direito. Pois no exercício do poder sobre vida e morte, o próprio direito se fortalece, mais do que em qualquer outra forma de fazer cumprir a lei. (BENJAMIN, 1921, p. 165)

Mateus é submetido a uma retaliação desproporcional também, visto que está sofrendo tudo que já foi citado, simples e unicamente por discordar da visão oficial do Estado. Nesse sentido, como disse Benjamin, sua prisão não se dá apenas para lhe punir, mas para mostrar quem é o poder soberano, é para fazer cumprir o poder estabelecido.

Voltando a narrativa, não aguentando mais aquele cenário, o personagem pediu a Julia que não voltasse mais ali para pôr fim no sofrimento de ambos. Aquela humilhação toda pela qual estavam passando só serviria para lhes trazer mais pesar e por isso mandou que a mulher seguisse sua vida e que não voltasse a procurá-lo, pois ambos não saberiam o seu fim e não havia esperanças de que ele um dia seria libertado. Mateus, que sempre amou Julia livremente não poderia deixá-la presa em uma relação tortuosa como aquela. Em uma de suas cartas, escreveu:

Vive a tua vida. É absurdo, de facto, armares em monja, nem isso estaria de acordo com a nossa visão do mundo. Não fique amarrada a um fantasma. E, sobretudo, quando tiveres, se vieres a ter, como é natural, outros interesses, peço-te que não me faças a esmola de vir ver-me. Eu tenho, além de ti, como sabes, uma razão de viver, em suma, uma justificação da minha existência. (RODRIGUES, 1970, p. 175)

A primeira vista essa atitude do amante pode ter sido estranha, mas se avaliarmos foi bem racional. A ideologia de Mateus era a liberdade e como ele poderia prender aquela que ele mais amou na vida? De certa forma podemos dizer que a intenção da sua atitude era buscar uma nova configuração de felicidade no ceifar desse martírio vivido pelos dois. Essa felicidade que ele propõe também seria uma outra resistência desenvolvida por ele que não veria mais a moça triste por causa dele, mas seria livre para imaginá-la vivendo uma nova vida, com outras possibilidades. Ela de fato o faria? Não sabemos, sabemos apenas que ela não voltou e isso trouxe novas ilusões ao nosso personagem que agora poderia conjecturá-la como bem quisesse e certamente, a pintaria feliz em sua memória.

Mateus, por meio desse gesto, decidiu resistir ao autoritarismo imposto e resolveu que não sofreria mais daquele jeito. Lembremos que Bosi afirma que a resistência é um conceito ético e não apenas estético (1996, p. 11), logo, ele corrobora sua ética e suas crenças políticas na sua ação de oferecer a Julia aquilo que ele não tinha: liberdade de recomeçar. De algum modo, essa foi sua maior prova de amor a aquela mulher e as suas convicções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Insistir em um objetivo frente a forças alheias é uma das formas mais genuínas de resistência, segundo Bosi, nesse sentido, é possível dizer que a menina loira tinha dentro de si uma força resistente pois mesmo diante das negativas e humilhações impostas, seu desejo era tão audaz que nada era motivo para lhes dissuadir e convencer a desistir. E a violência a que ela era submetida, embora impostas por uma outra criança, foram muito bem articuladas para chegar aos seus fins e se manter por tempo indeterminado, deposta apenas pela chegada inesperada da mãe, que representa outro poder.

Instintivamente, a protagonista de Clarice sabia que aquela situação que estava vivendo era um “não” simbólico aos seus objetivos, todavia, era atrás do “sim” que ela seguia e não desistia. Resistir nunca foi sobre a outra, mas sobre ela própria, sobre sua capacidade em lutar por aquilo que era seu objeto de felicidade, aquela razão pela qual faz a vida valer a pena. Isso era tão genuíno que quando obteve o livro não sentiu vontades de tripudiar da outra, escarnecer ou zombar, muito pelo contrário, era uma menina positiva em si mesma e por isso viveu de forma intensa essa felicidade que era só sua, essa felicidade que era algo clandestino.

Desse modo, ela instituiu um novo poder, o poder sobre o livro que antes ela não tivera e assim o será até que encontre poder maior, capaz de transformar esse em decadente.

Já Mateus, também teve o seu processo de resistência instituído por vários signos de felicidade. Ao contrário da “menina loura”, Mateus nunca teve algum tipo de consciência que venceria, mas é possível dizer que ele venceu em muitos aspectos. O personagem não sucumbiu as artimanhas no Estado, sempre se recusou a sofrer da forma como eles intentavam, desde o início até o fim, o protagonista retextualizou a sua situação, se reinventou e criou várias felicidades que o ajudou a passar por suas adversidades.

As felicidades clandestinas que ele compartilhou com Julia se converteram em lembranças clandestinas o que faria com que eles pudessem viver outras formas de felicidade, mesmo distantes. Seja por uma felicidade genuína, possível a Julia, ou uma que significasse a ausência daquele tipo de tortura, oferecida aos dois, possível a Mateus.

Precisamos desvincular a ideia de resistência restrita aos contextos políticos de exceção e entender que, como a violência, ela pode estar presente na mais simples situação do dia-a-dia. O ser humano é um ser adaptativo as situações mais adversas, bem como é extremamente resistente aos

cenários mais extremos, tal é sua capacidade de resistência a forças interiores e principalmente exteriores e como produção humana, a literatura não deixa de transmitir essa qualidade.

E que a violência e o autoritarismos também estarão no nosso cotidiano, seja por meio de ações diretas ou simbólicas. Todos nós possuímos algum tipo de poder com relação a algo, a ilegitimidade dessa violência só se culminará quando usarmos o nosso poder para fins injustos e, portanto, autoritários.

Nesse sentido, à luz do exposto, entendemos que a resistência é uma forma de validar a própria identidade e subjetividade, é a humanização, o direito a liberdade de se opor ao opressor. Sistemas ditatoriais e autoritários descaracterizam as pessoas, oprimindo desejos, anseios, culturas e essa força proveniente da resistência, incentivada pela busca de algo que faça a vida ter sentido é o que movem as revoluções. Histórias como a de Clarice e Urbano nós mostram que é possível fazer frente a violência e reagirmos. Essa reação pode se dá, como vimos, das mais variadas formas possíveis e é apenas a partir dessa oposição da força própria a força alheia que podemos, com alguma chance, mostrar que todos são dignos de lugar de fala e não apenas quem está no poder. É preciso lembrar que ao decorrer de toda a história da humanidade, nenhum direito foi conquistado sem resistência.

REFERÊNCIAS

AMORIM, R. A. da S. Análise do conto “*Felicidade Clandestina*” de Clarice Lispector. Salvador: **Estudos IAT**, V. 4, N. 2, 2019. Disponível em: <http://estudosiat.sec.ba.gov.br>

AUGUSTMAK, C., SCHOEMBERGER, F., CALEFFI, R. A representatividade da mulher na animação *Mulan*. Instituto de pesquisa e extensão-IPEX–Centro Universitário Campo Real: **Caderno de Resumos do XIII Encontro de Iniciação Científica e Pós-Graduação**, 2020. Disponível em: <https://guarapuava.camporeal.edu.br/content/uploads/2020/11/Caderno-de-Resumos-2020-%E2%80%93XIII-Encontro-de-Inicia%C3%A7%C3%A3o-Cient%C3%ADfica.pdf#page=11>

BENJAMIN, W. **Crítica da Violência – Crítica do Poder**. 1921.

BOSI, A. **Narrativa e Resistência**. São Paulo: Itinerários, 1996.

GULLAR, Ferreira. Dois e dois são quatro. In. **Melhores poemas**. Seleção de Alfredo Bosi. São Paulo: Global, 1ª Ed. Digital, 2012. p. 66.

LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de narizinho**. Versão digital: Arlindo_San. Disponível em: <https://valdiraguilera.net/bu/sitio-picapau.pdf>

MATIAS, A. F. Felicidade Clandestina e Clandestina Felicidade. Macapá: **Periódico da UNIFAP**. V. 6 N. 1, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18468/letras.2016v6n1.p250-258>

RODRIGUES, U. A meia hora do sol. In. SALEMA, Álvaro. **Antologia do conto português contemporâneo**. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. Quando resistir não basta... **Moara**. V. 1 E. 44, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i44.3433>